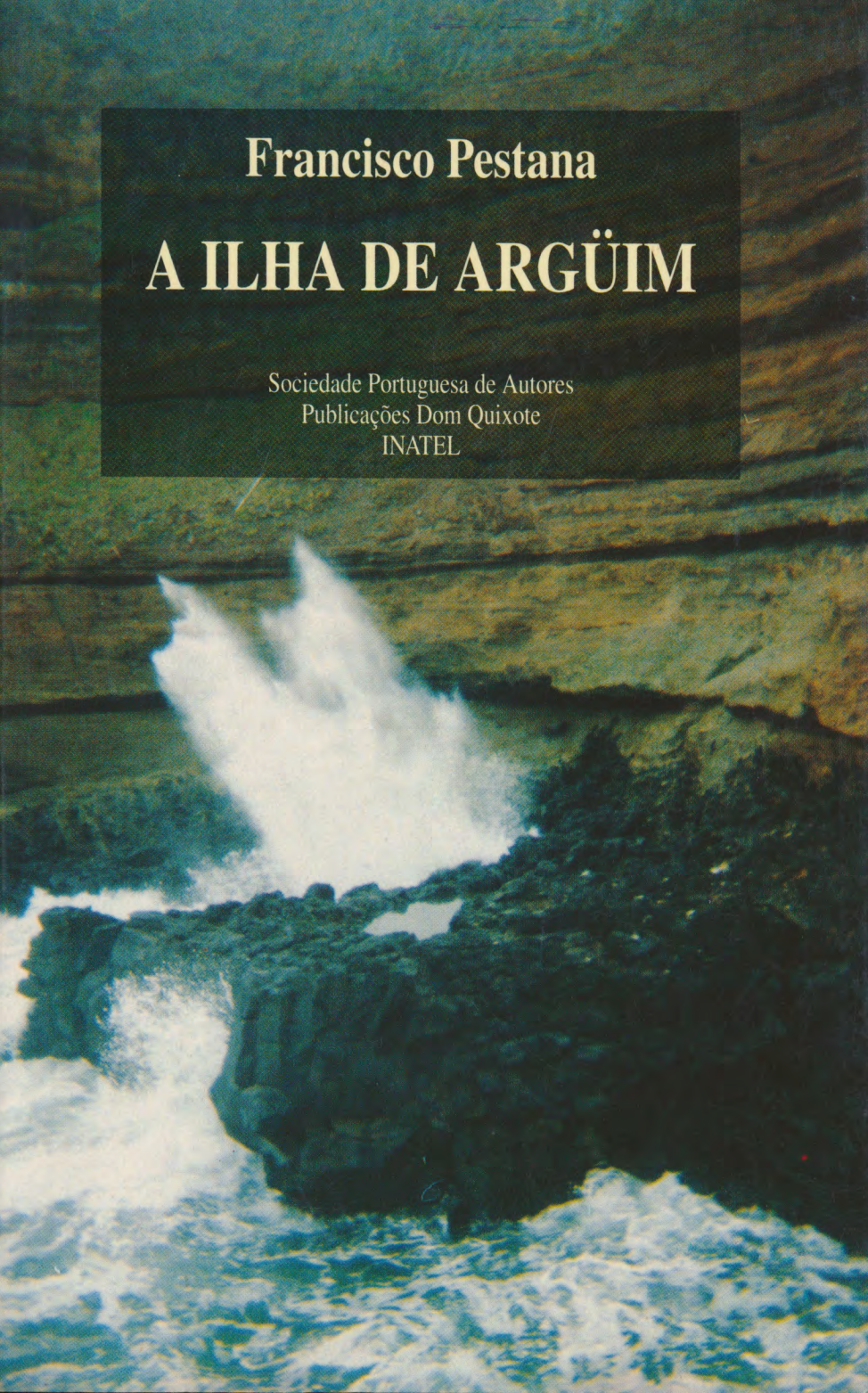




Francisco Pestana

A ILHA DE ARGÜIM

Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote
INATEL

A ILHA DE ARGÜIM

1.º Prémio do Concurso Inatel / Novos Textos 1994

**Menção Honrosa no Concurso Português de Dramaturgia /
/ Círculo Cultural A Barraca - 1994**

FRANCISCO PESTANA

A ILHA DE ARGÜM

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES
PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
INATEL
LISBOA
1996

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Pestana, Francisco, 1951-
A Ilha de Argüim
(Autores de língua portuguesa)
ISBN 972-20-1330-0
CDU 821.134.3-2 "19"



Publicações Dom Quixote, Lda.
Rua Luciano Cordeiro, 116 – 2.º
1098 Lisboa Codex – Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© Francisco Pestana, 1996

Capa de Emília Abreu
sobre fotografia do autor
Foto da contracapa: Afonso Aristides Paiva

Revisão Tipográfica: Álvaro Marques

1.ª edição: Maio de 1996
Depósito Legal n.º 91681/95
Fotocomposição: ABC Gráfica, Lda.
Impressão e acabamento: SMAG, Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 972-20-1330-0

IDENTIFICAÇÃO DE UMA PEÇA

A acção de *A Ilha de Argüim* decorre no Funchal, Madeira, entre 4 de Fevereiro e 4 de Maio de 1931.

Nessa época, uma forte recessão económica asfixiava a população madeirense. As indústrias tradicionais (sobretudo a dos bordados) atravessavam uma grave crise. Como se isso não bastasse, abateu-se sobre a ilha uma epidemia de tuberculose, que dizimou famílias inteiras.

Politicamente, a situação era difícil, após a instalação da ditadura em 1926. Salazar, ainda apenas ministro das Finanças, era já o homem forte do regime. As perseguições aos democratas republicanos atingiam o auge e a Madeira tornou-se, para muitos, terra de exílio e degredo. Ao descontentamento da população madeirense juntou-se, pois, o de grande número de degredados que o regime da ditadura enviou para a Madeira.

Em Fevereiro de 1931, o governo da ditadura decretou um regime de monopólio das farinhas, para o arquipélago da Madeira, o que provocou uma alta do preço do pão. Este facto constituiu a "gota de água" que provocou a revolta do povo da Madeira. A 9 de Fevereiro desse ano, a população do Funchal assaltou as moagens e exigiu a revogação do "decreto da fome", como passou a ser conhecido.

A revolta do pão provocou uma dinâmica revolucionária imparável, que culminou na tomada do poder, no arquipélago, por uma Junta Revolucionária liderada pelo general Sousa Dias, na madrugada de 4 de Abril desse ano. A Junta Revolucionária da Madeira instituiu um governo próprio, que integrou civis oriundos de diversos partidos da oposição, aboliu a censura e restituiu aos madeirenses as liberdades cívicas, consagradas na Constituição Republicana de 1911. O governo da ditadura reagiu e enviou para a Madeira uma expedição militar comandada pelo próprio ministro da Marinha, com o objectivo de pôr cobro a esta situação que, na prática, se traduzia numa independência "de facto" e que durou cerca de um mês. Com efeito, a resistência madeirense baqueou na madrugada do dia 2 de Maio, com a rendição da Junta Revolucionária.

É neste contexto político e social que decorre a acção de "A Ilha de Argüim". A acção da peça situa-se no seio de uma família madeirense da classe média, com antepassados portugueses e ingleses. O facto de as personagens terem nomes típicos de famílias madeirenses é mera coincidência. A família retratada na peça é imaginária, por conseguinte os conflitos que a atravessam situam-se no campo da ficção. Reais, são apenas os nomes das pessoas que protagonizaram a Revolta e a situação política, social e militar que a Madeira viveu durante o período revolucionário.

Esta obra, embora tendo como base a pesquisa histórica, é uma obra de ficção, em que as personagens que nela intervêm pertencem ao domínio do imaginário. No entanto, não quero deixar de citar as obras e os documentos que inspiraram e enriqueceram o seu conteúdo dramático: *Lendas e Romances da Ilha da Madeira* (Editora Nova Crítica, 1978); *Descobrimento da Ilha da Madeira* (Jerónimo Dias Leite); *Ilhas de Zargo* (Eduardo C. N. Pereira); *A Revolução na Ilha da Madeira* (José Lavrador); *A Revolta da Madeira. Documentos* (João Soares, Perspectivas e Realidades, 1979); *A Revolta da Madeira e Açores (1931)* (Célia Reis, Livros Horizonte, 1990); Jornais madeirenses da época (*Notícias da Madeira*, *Diário da Madeira*, *Trabalho e União*, *Re-nhau-nhau*, *Novidades*); *Diário do Governo* (Decretos publicados em 1931).